



MANUEL PINHEIRO CHAGAS

SUMMARIO

Manuel Pinheiro Chagas.—*Noções de Economia Domestica*, D. Maria José da Silva Canuto.—*Cultura das emoções intellectuaes, Da Verdade*, Bernard Perez.—*Mineralogia, o rubi*, D. Le Berazér.—*Um inimigo*, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.—*Por til* (poesia), Diogo Souto.—*Historia natural, a mosca azul da carne (parejeira)*.—*O sol, o ar e a luz*, Michelet.—*Ninho de gelo* (poesia), A. Rodrigues Braga.—*Jardinagem, Bugainvillea faustosa.*—*Engatadol*, D. Eliza Caodur.—*O casamento na Coréa.*—*A mulher*, F. Gomes d'Amorim.—*Album Enigmatico.*

GRAVURA:—*Manuel Pinheiro Chagas.*

NA CAPA:—*Diccionario de cozinha.*

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

O pequeno espaço de que dispomos não nos permitte dar aos nossos leitores uma biographia desenvolvida de esse homem tão notavel pelo talento que o distingue, como pelo trabalho infatigavel e pelas aptidões variadas do seu espirito lucido e admiravelmente robustecido pelo estudo. Por isso nos limitamos a transcrever, com a devida venia, alguns periodos da noticia que o sr. Candido de Figueiredo inserio no seu curioso livro *Homens de letras*, resumindo muito essa noticia e acomodando-a ao pequeno formato da nossa modesta revista.

«Manuel Pinheiro Chagas nasceu em Lisboa, a 13 de novembro de 1842.

«Seguiu o curso do real collegio militar, d'onde em

1857 sahi sargento aspirante do regimento de infantaria n.º 16, matriculando-se em seguida na escola polytechnica.

«E' socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e tem representado em côrtes os circulos eleitoraes da Covilhã e de Arganil.

«Seria copiosissima e muito interessante a relação completa dos escriptos d'este distincto homem de letras. Infelizmente para relacionar os trabalhos litterarios de Pinheiro Chagas, só tenho n'este momento por auxilio a minha débil memoria.

«Em verso, sei que publicou: *Poema da Mocidade*, 1 vol. Lisboa 1864; a *Liberdade*, poemeto; a *Oração da Tarde*, drama em tres actos, traducção.

«Dos seus numerosos romances occorrem-me á lembrança os seguintes: *Tristezas á beira-mar*; *Virgem Guaraciaba*; *Flor sêcca*; *Varanda de Julietta*; *Mantilha de Beatriz*; *o Segredo da Viscondessa*; *As duas flores de sangue*.

«Publicou tambem: *Ensaio critico*, e *Novos Ensaio critico*, 2 volumes.

«Para o theatro escreveu: *Morgadinha de Valflor*; *Drama do Povo*; *Judia*; *Helena*; *Magdalena*; *Quem desdenha...*; *Rôca de Hercules*.

«São d'elle as seguintes obras: *Historia de Portugal*, segundo o plano de Ferdinand Denis, 8 vol., Lisboa, (sem data); *Historia alegre de Portugal*, 1 vol., Lisboa, 1881; *Portuguezes illustres*, 1 vol.; *Brazileiros illustres*, 1 vol.; *Ministros, padres e reis*.

«E' difficil, se não impossivel, relacionar todas as traducções, a que anda ligado o nome de Pinheiro Chagas: o romance e o theatro devem-lhe n'este ponto um enorme dispendio de tempo e de bom gosto.

«Como jornalista, creio que os seus primeiros trabalhos dignos de nota, appareceram na *Gazeta de Portugal*, e no *Jornal do Commercio*; collaborou depois activamente no *Monitor Portuguez*; pertenceu á redacção da *Revolução de Setembro*; fundou o periodico *Discussão*, a que depois trocou o nome pelo de *Diario da Manhã*, que elle ainda dirige.

«E' director do *Diccionario Popular*, que me pareceo irmão mais novo do *Grande Diccionario* de Larousse, e de que ha publicados uns oito enormes volumes, (1) collaborados por muitos escriptores contemporaneos.

«Ha escriptos de Pinheiro Chagas na maioria das principaes folhas litterarias que, nos ultimos vinte annos, se tem publicado em Portugal.

«Os seus traços phisionomicos lutam um pouco com a sua energia de temperamento e de caracter. A sua face cheia e rosada, a sua cabelladura castanha, macia e muito cuidada, a sua luneta de miopo, o seu todo naturalmente elegante e sympathico, podem muito bem revelar aquelle Arthur que Pinheiro Chagas cantou no seu *Poema da Mocidade*...

«Chama-se Arthur o heroe do meu poema.

«Mas o que decerto não annuncia é o luctador incansavel do jornalismo hodierno, o escriptor indefesso de todas as horas e em todos os generos, o sisudo investigador das chronicas politicas, o orador vehemente, que na sua palavra facil encontra sempre amplos recursos no mais ateado das refregas parlamentares.

«Quem podesse ler todos os seus livros, todas as suas revistas e todas as publicações que elle dirige, difficilmente comprehenderia como um escriptor, que é ao mesmo tempo um homem publico, logre tempo, vida e coragem para tanto.

«Uma das coisas que mais espantam os que de perto o avaliam é a sua prodigiosissima memoria. Eu duvido um tanto do muito que se tem dito da memoria de João Pico de Mirandola, do Cardeal Mezzofante, e da do nosso fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo; mas do que eu não duvido é da de Pinheiro Chagas; simplesmente pasmosa. As datas precisas dos innumeraveis e mais secundarios factos da historia nacional e estranha; as particularidades menos conhecidas das chronicas e das lendas; tudo a sua memoria reproduz com promptidão e exacção admiravel.

«De sua casa até ao escriptorio do seu periodico ou á salla do parlamento, e do parlamento ou do escriptorio até sua casa, tem elle feito artigos, discursos, scenas dramaticas, sem penna nem papel, mas taes quaes as ha de proferir ou escrever.

«Reatemos idéas. Pinheiro Chagas, é uma poderosa individualidade litteraria, sem ser um grande romanista, nem um grande poeta, nem um grande historiadore, nem um grande dramaturgo; mas a parte que elle toma de cada um d'estes predicados constitue um cabedal que muitos invejam e poucos possuem.

«O seu *Poema da Mocidade* é um livro de rapaz, tem froixo o enredo e a narração monotona, mas é obra de um poeta e de um versificador correcto, como de quem escrevia sob os olhos do primeiro mestre de versificação portugueza.

«O *Poema da Mocidade*, com um prefacio de Castilho, foi o pomo de discordia atirado sobre a meza dos litteratos coevos.

«Veiu d'ali a celebrada *questão coimbran*. Um grito de revolta reboou pelos sineiraes do Mondego, cujas ramarias sabiam de cór as *Cartas de Eco* e *Narciso*, as trovas dos Serpas e os thronos de Soares de Passos. Anthero de Quental e Theophilo Braga prégavam a cruzada dos iconoclastas do romantismo, e os prelos portuguezes gemiam com o parto de mil e um folliculos—bombas incendiarias, que choviam a flux em ambos os arraiais contrarios.

«Passou a *questão*, e com ella passou o que havia de exagero e demasia nos arremessos das hostes aguerridas; mas ficou o que havia de verdade e de justo; e, fallando verdade, não se nos dá, antes nos apraz, ouvir ainda hoje, n'um salão ou n'um theatro, os clamores energicos e profundos d'aquella potente e amorosa lava que se chama *Liberdade*, quando Pinheiro Chagas lhe interpreta os rugidos, os prantas, os anceios e a dedicação suprema.»

Completando esta bio-bibliographia, publicada em 1881, diremos tão sómente que Pinheiro Chagas, actual ministro dos negocios da marinha e ultramar, occupa distinctamente uma das cadeiras do curso superior de letras, e que desde aquella época o seu trabalho continua a ser enorme, prodigioso, não afrouxando nem uma vez só a extraordinaria energia d'este luctador valente e incansavel.

NOÇÕES DE ECONOMIA DOMESTICA

XX

Quadros

Duas palavras apenas sobre este assumpto. Todas as classes apreciam os quadros; todos gostam mais ou menos de decorar as suas salas; e eu pronuncio-me por esse luxo, que pôde ser util, não excedendo os limites razoaveis do dispendio; os quadros desenvolvem o gosto; entreteem a imaginação; recordam-nos o que nós desejamos não esquecer. A dona da casa deve fazer severa escolha dos objectos representados nos seus quadros, ou nas estatuetas que admittir nos seus quartos. Estampas apropriadas á comprehensão da infancia e das creadas, objectos de arte, de estudo e de instrucção; se os seus haveres lhe permittem essa despesa, pôde e deve admittir em sua casa uma recreação agradável, util e permanente.

Baixella

Dá-se este nome a tudo quanto se emprega em serviço de mesa; quer sejam esses objectos de barro, quer sejam de porcellana, de vidro, de prata, de ouro, ou de qualquer outro metal ou materia.

A loiça de barro grosso, de pó de pedra, de vidro etc. deve lavar-se em agua quente, em moderada temperatura; de contrario, estala. Deve haver o maior cuidado em não mergulhar em agua fria qualquer vaso de loiça que contenha liquido quente e vice-versa. O effeito do calor é dilatar os corpos; a reacção do frio é fatal ás paredes do vaso, que não resistem e se espedaçam.

(1) Actualmente está em publicação o 43.º volume.

Eu tinha um copo de agua, com fundo de cristal, onde fazia o meu chá da noite; lançava-lhe as folhas dentro, e por cima agua fervente; era o meu companheiro querido á mesa de estudo; n'um dia de impaciencia quiz aquecer um pouco de leite; mergulhei o copo em agua a ferver; ficou illeso; deito-lhe dentro o leite frio; immediatamente se desprendeou com estrondo e saltou pelos ares uma parte do pobre amigo de annos! Supina ignorancia das leis physicas!

A loiça deve ser lavada com cuidado, para que se não parta; cautelosamente posta a escorrer; enxuta e posta no seu lugar; se a pessoa que se dedica a este trabalho fôr estabánada, bem se póde contar com o progressivo desaparecimento de pratos, copos, etc.

Não é prudente o servirmo-nos da loiça grossa que tiver o vidro beliscado; e muito menos guardar ali viandas salgadas ou frescas. As preparações metalicas que entram na composição das côres com que se pinta a loiça decompõem-se com os acidos e são nocivas á saude.

O arranjo e disposição das prateleiras e dos armarios, onde se guarda a loiça de serviço, não deve ser indifferente á boa dona de casa.

A arte de fabricar loiça de barro foi inventada por um grego chamado Epimetteu, 18 seculos antes de Jesus Christo. Esta util descoberta foi progressivamente aperfeiçoada pelos antigos. Os chinezes e os japonezes excedem as nações cultas da Europa. As porcellanas inglezas, francezas, saxonias, são mui apreciadas: ha poucos annos que o nosso bom Portugal sahíu da sua apathia, e começou a rivalisar com as suas vizinhas, em loiça e em vidros.

MARIA JOSÉ DA SILVA CANUTO.

CULTURA DAS EMOÇÕES INTELLECTUAES

DA VERDADE

VIII

A'cerca do habito de mentir e de teimar nas creanças disse Montaigne que «cresce com ellas». Disse a verdade no tocante ao primeiro de esses defeitos, que me proponho a tratar n'este capitulo. Assim como todos os vicios hereditarios, o habito da mentira desenvolve-se em cada individuo, mais ou menos, conforme as circumstancias internas ou externas, a educação, o exemplo ou a influencia de esta ou de aquella tendencia ou habito contraria ou favorece a mentira. Effectivamente é um vicio subordinado, cuja origem e derivações accidentaes se devem procurar, quando se pretenda applicar ao mal o remedio opportuno e efficaz.

A veracidade na creança está em relação com a credulidade: tudo aquillo que lhe produz uma impressão sensível parece-lhe real. Cedo, porém, as illusões que nenhum dos sentidos está isempto vem surprender-lhe a primitiva confiança sem, contudo, lh'a abalar. E' certo que muitas coisas lhe causam admiração e estranheza pela distincção que se vê obrigada a fazer entre essas coisas e outras que se lhes assemelham. Vi uma vez um pequenito muito admirado porque dois gatos da mesma côr brincavam ao pé d'elle; a principio pensava que era um só gato. A creança fica surprehendida, contrariada até, quando, muito nova, se encontra enredada n'esses pequenos ardis.

Mas sobe de ponto, irrita-se mesmo voluntariamen-

te, quando a enganam de uma maneira que manifestamente lhe desagrada. Quando a creança, de seis mezes apenas, está ao collo da ama e que esta se aproxima do berço, acariciando-a para lhe fazer esquecer o desejo, a creança difficilmente e só á custa de muito tempo se deixa convencer ou antes enganar por este gracioso stratagem. Aos sete ou oito mezes se lhe daes um bocado de pão em vez de um bollo que ella já vio e que deseja, recusa, colerica, o mentiroso presente, faz beicinho e o seu lagrimejar e o seu franzir de sobrançellas indicam um choro eminente. E quantas scenas dolorosas quando a substituição imperiosa da ama exige uma habilidade consumada para convencer a creança a acceitar um outro peito! Mais tarde, no desmamar, quantas fraudes, quantos embustes, quantas lagrimas, gritos e soluços dolorosos se por ventura não se engana com criterio, ou não se engana bem! Mas, por mais que se faça, e por mais ternura e circumspecção com que se proceda, é difficil não se deixar cahir em flagrante delicto de mentira e é necessario até abusar da creança em seu interesse proprio, ou pelo menos julga-se que assim se deve fazer para seu bem. Felizes dos paes que podem lisonjear-se, elles e as pessoas que os rodeiam, de não terem já-mais, ostensivamente, enganado o seu filho, sem necessidade ou sem desculpa legitima!

Em summa qualquer creança de um anno a quinze mezes sabe já muito bem que tudo o que se lhe diz e tudo o que se lhe faz nem sempre é exactamente a expressão da realidade. Não o dirá a si proprio, mas sente-o contudo. E bem depressa, se o phenomeno por ventura se não produziu ainda, a astucia innata na organização animal leva-a-ha directamente á mentira pelo caminho das confidencias uteis. E' de todas as creanças da mesma idade a historia do assucar roubado e escondido pelo moço Tiedmann ou pelo joven Darwin. Instintivamente as creanças escondem-se para fazer o que sabem que lhes é prohibido, como para brincar, á maneira de graça, o que não é assim, embora ellas o digam. Quando uma creança de dois annos me diz: «Vi agora uma borboleta do tamanho de um gato, do tamanho de esta casa» reconheço claramente uma mentira ligeira; da mesma fórma que quando se esconde atraz de uma porta e diz: «Victor não está aqui.» Mas de estas duas contra-verdades uma é espontanea, a outra imitada; a imaginação chocarreira da creança e a sua tendencia para imitar o que os outros fazem, eis as duas especies de incitamento que ella recebe para contrafazer a verdade.

BERNARD PEREZ.

MINERALOGIA

O RUBI

Tratando, nos numeros precedentes, do diamante e da sua natureza, dissemos o modo porque se trabalha este mineral precioso. Além do côrte ha ainda, porém, a divisão do diamante e o trabalho de o polir.

Dividir, o que os francezes chamam *cliver* o diamante é fendel-o em duas partes, seguindo directamente em toda a sua extensão o fio da pedra, e para obter este resultado é indispensavel uma grande habilidade especial e uma longa pratica. Polir é dar-lhe o brilho e a scintillação que torna tão estimada aquella pedra preciosa.

Deve notar-se que estas tres operações são completamente distintas umas das outras, e que cada uma d'ellas requer uma aptidão especial e um trabalho tão difficil de boa execução, que raras vezes se encontra um operario que reuna a pratica e a habilidade necessaria para todas.

Parece-nos que descrevemos tão completamente quanto é possível fazel-o nos limites que nos impozemos, a historia do diamante bruto e o processo de o trabalhar; vamos agora tratar do rubi que, como é sabido, encontra uma larga applicação na relojoaria.

O rubi do Oriente constitue a primeira fila das pedras preciosas, em seguida ao diamante. Tem uma côr vermelha carmezim, vermelha cochonilha, ou vermelha côr de goivo, é transparente e susceptivel de adquirir um bello polido, espelhado e brilhante.

Os rubis vem principalmente da India, da China e de Ceylão.

O rubi oriental é de todas as pedras preciosas a que mais, em valor, se aproxima do diamante, excedendo-o até em preço. A raridade e a pureza do rubi oriental tornam-n'o muito procurado e estimado, dando-lhe um valor muito differente do de todas as outras pedras preciosas; entretanto o rubi oriental é sempre pequeno em volume e em peso.

O rubi é empregado largamente na joalheria e tem igualmente um consumo consideravel na relojoaria. Pela sua dureza superior é sobre os rubis que se assentam os eixos das rodas, e para este fim apenas recebem das mãos do lapidario um pequeno trabalho, não sendo porém nem facetados nem mesmo talhados completamente. Preferem-se em todas as circumstancias os rubis do Oriente, que excedem os outros em resistencia, mas apenas se aproveitam os que não tem *espelho* ou *vidro*.

Os rubis trabalham-se ao torno de chumbo e ao esmeril, mas quando a pedra é pequena e que não se receia que estale, emprega-se então o torno de cobre e o pó do diamante. O polido obtem-se com uma roda de cobre que se molha com agua e tripoli.

O commercio do rubi é consideravel. Este mineral é muito procurado pelos amadores de pedras preciosas, que tem em grande apreço as suas *nuances* diversas e as suas differentes especies, encontrando-se vestigios, atravez das idades historicas mais afastadas, da grande estimação consagrada ao rubi.

A gravura no rubi é difficil e não sae bem; por isso raras vezes se encontra um rubi gravado, e os que apparecem ou são de épocas muito atrazadas, ou são defeituosos e maus.

D. LE BARAZER.

UM INIMIGO

Ha em todos os reinos inimigos, como haviam elles de faltar no nosso? Portanto, logo que o tenhamos bem constituído, devemos olhar em torno a vêr se os descobrimos.

Se o inimigo for desconhecido, ainda mais perigoso é; portanto, em lugar de fecharmos os olhos para o não vermos, devemos abril-os e muito bem abertos, para o podermos affrontar valorosamente e vencel-o se tanto fôr possível.

Já o estou d'aquí vendo, ao perigoso inimigo da nossa casa, aquelle contra quem todas as precauções parecem poucas.

Supponho que n'este ponto a minha leitora pensa em ratos, em baratas, na traça, que julgou sempre os peores inimigos que podem entrar n'uma casa.

Nem tanto; as baratas, os ratos, a traça são inimigos da nossa despensa, dos nossos vestidos, da nossa mobilia; mas o inimigo que é muito peor que todos estes, pode nada menos que perturbar-nos a felicidade domestica, levar a nossa casa á miseria, tornar-nos irreparavelmente desgraçadas, e o peor de tudo é que se reveste de bella apparencia, torna-se fascinante, enfeitada-se com o proprio esplendor, para mais facilmente nos arrastar ao abysmo.

Este inimigo é hoje tanto mais terrivel quanto é certo que todas mais ou menos nos temos deixado cair nos seus laços, e nenhuma de nós pode n'este ponto sentir a consciencia tão tranquillada que se atreva a lançar a primeira pedra á outra.

Talvez que ainda a leitora o não descobrisse, e comtudo quasi que posso assegurar-lhe que o tem debaixo dos seus olhos; mas nós somos dos que teem olhos e não vêem, como diz o Evangelho, e eu acrescentarei que os mais cegos são aquelles que não querem ver; e quem sabe se quem me lê n'este momento estará n'este caso?

Deixemos porém este modo de dizer um tanto sibyllino; este inimigo domestico quem é que o não conhece? chama-se *Luxo*!

Bem sei que a leitora, olhando em torno de si, dirá que tal inimigo nunca achou abrigo debaixo dos seus tectos, e que a não cercam senão objectos de absoluta necessidade.

Deveras? perguntarei eu, são necessarios esses diamantes que lhe adornam os dedos delicados, ou que resplendem nas suas pequeninas orelhas? São necessarias essas mil bagatellas, esses mil nadas curiosos, elegantes ou ricos que enchem as suas salas?

Se realmente a sua fortuna lhe permite o rodear-se d'essas lindas superfluidades, nada melhor e nada mais justo. E' um luxo que não faz mal a ninguem, não é já um inimigo de quem se tenha medo, antes é um amigo da industria e do commercio.

O luxo imperdoavel, o luxo funesto á familia é aquelle que se compõe de todas as despezas superfluas, quando feitas á custa do que é util e necessario, e de todas aquellas necessidades ficticias creadas pelo amor da novidade e pelo desejo futil de apparecer.

Hoje a mania do luxo tem adquirido taes proporções, que se vêem familias fazer enormes sacrificios, e talvez arruinar-se, para se fingirem mais ricas do que são, e para deitarem poeira aos olhos dos vizinhos.

E ao mesmo tempo que dispendem o que teem em coisas superfluas, deixam que falte o necessario aos creados e aos filhos. Por um lado gastam prodigamente, por outro mostram-se sordidos e avaros.

Isto porém é peccado geral de que todas estamos contaminadas em maior ou menor proporção; para evital-o carecemos devéras de uma força que se aproxima do heroismo.

Entremos por exemplo n'uma casa moderna; entenda-se bem que não dizemos um palacio.

A saleta da entrada adornada n'um gosto severo; a sala de jantar, que os nossos avós se contentavam em mobilar singelamente com um aparador, uma banca e algumas cadeiras de nogueira, e onde o supremo luxo era uma ou duas poltronas, está agora faustosamente guarnecida.

Aparadores de carvalho entalhado, armarios onde resplendem as preciosissimas porcellanas, a esplendida

prata (quasi sempre de christoffe, quer-se apenas que tenha brilho e que dê na vista), cadeiras de espaldar de vistosos embutidos e custosos estofos.

Os quartos de cama teem mobílias de mogno, armarios de espelhos em todas as mezas e em todas as estantes, banquinhas, divans, poltronas, os cortinados do leito e das janellas, os reposteiros, os sophás são de preciosos tecidos.

Emquanto nossos avós se contentavam com um só quarto para mulher e marido, e assim se davam perfeitamente e tinham menos desintelligencias do que os conjuges modernos, agora são necessarios dois quartos para cada casal.

Não fallemos dos gabinetes luxuosos, das salas exageradamente adornadas em que os *guéridons*, as banquinhas, os contadores, as poltronas, os tapetes, as estantes cheias de ninharias, de relógios, de jarras da China ou do Japão, de estatuetas e de mil bagatellas, são tantas e tão variadas que enchem e obstruem todo o espaço que d'antes se tinha desaffogado e livre.

Se eu quizesse mostrar as proporções que o luxo tem attingido, não o lograria fazer n'um só volume.

(Continua).

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

POR TI!

Mais negro, mais escuro, mais fantastico
do que vaga no ceu,
d'esse fumo sutil das nuyens rapidas
o diafano veu,

se me revolve dôido no meu craneo
— paredes de um vulcão, —
e se eleva, e se abate, e estoura fêrvido
o ideal turbilhão.

Mais rijo do que bate a vaga indomita
contra as rochas do mar,
que repelem de pé o choque impavidas
p'r'as regiões do ar,

estalão-me no peito as ondas turbidas
de ua magua cruel,
ondas que o peito expulsa aos olhos aridos
em lagrimas de fel.

E por cima da nuvem negra e tetrica,
e por cima do mar,
sempre um lizo estendal de luz esplendida
o sol a desdobrar!

e sempre, oh! sempre! o brilho ardente e rubido
do bello sol do amor
a pairar sobre um ceu de ideias lobregas
e sobre um mar de dor!

(Foz do Douro).

Diogo Souto.

Malditos medrosos! Porque não tendes o valor de serdes o que realmente sois? Ficaríeis mil vezes melhor. Sem a naturalidade não ha agrado nenhum. Tambem não ha firmeza nem prestimo.

NECKER.

HISTORIA NATURAL

A MOSCA AZUL DA CARNE (varejeira)

(Continuação)

Nascidos os vermes procuram immediatamente comer. Arrastam-se primeiro pela carne e em seguida perfuram-n'a; começa n'este ponto a sua obra de destruição servindo-se, para estriar a preza, dos ganchos e do ferrão que possuem. A' medida que vão separando os fragmentos dividem-n'os e assimilam-n'os; assim, abrem sulcos em todo o pedaço de carne, até que a materia succulenta é completamente absorvida ficando por fim a carne toda crivada de buracos e reduzida simplesmente a um rendilhado informe. Durante este trabalho as larvas segregam um liquido viscoso, que as envolve, e que humedecendo a carne facilita a sua fermentação e mais rapidamente a corrompe: é n'este estado que mais lhes convém. Comem muito mas entretanto não expellem excrementos solidos. O seu crescimento opera-se com uma rapidez espantosa. No dia immediato ao do seu apparecimento, sendo-lhe favoravel a temperatura, apresentam já o dobro do tamanho com que sahiram do ovo; o desenvolvimento ainda é mais prodigioso no terceiro dia, em que as larvas adquirem um volume duzentas vezes maior do que tinham nas vinte e quatro horas precedentes; em menos de seis ou sete dias, e algumas vezes em quatro ou cinco, sendo a estação quente, adquirem o desenvolvimento completo e chegam ao estado em que, sendo-lhes desnecessaria a alimentação, se transformam em moscas.

Quando os vermes adquirem todo o seu desenvolvimento já lhes não convém permanecerem na carne corrupta, que até ali tanto lhes convinha; deixam-n'a então e cada uma vae escolher local apropriado para se metamorphosear; abrigam-se na terra e ali se conservam até se transformarem em insectos alados. A transformação não se opéra, porém, logo que o verme se estabelece na sua nova morada, pelo contrario, permanece ali immovel, guardando a sua fórma de larva, durante dois ou tres dias, ás vezes mais, conforme o estado do tempo. Quando chega o momento da metamorphose, de branco, transparente e carnudo que era, toma a figura de um ovo, de côr encarniçada ou castanha; o involucro é opaco e quebradiço. Incapaz de operar qualquer movimento não pôde nem estender-se, nem encolher-se ou contrahir-se; fica inteiriço completamente, differente n'este ponto das chrysalidas cuja extremidade posterior é movei e se move algumas vezes; privado de movimento, sem apparencia de vitalidade não apresenta o aspecto de um verme.

(Continua).

O SOL, O AR E A LUZ

Um illustre observador affirma que grande numero de seres microscopicos, que á sombra são vegetaes, se animalisam ao sol tornando-se verdadeiros animaes. O que é porém certo, incontestavel, accete por toda a gente é que se affastado da luz o animal vegeta, o mesmo não succede ao vegetal cuja florescencia empallidece e morre.

A flor humana é de todas a que precisa mais sol, este é para ella o primeiro e o supremo iniciador da

vida. Compare-se a creança recém-nascida, que apenas tem conhecido as trevas á creança d'um anno; a differença é enorme entre este filho da noite e este filho da luz. O cerebro do ultimo, posto em face do outro, offerece o milagre palpavel de uma transfiguração completa.

No cerebro o aparelho da visão occupa por si só mais logar que todos os orgãos dos sentidos reunidos. A luz inunda a cabeça atravessando-a de lado a lado até aos nervos mais afastados de onde sac a medulla espinhal, todo o systema nervoso e todo o aparelho da sensibilidade e do movimento. Mesmo na superficie dos canaes opticos, onde a luz circula, a massa central do cerebro parece estar penetrada d'essa luz.

O primeiro dever do homem é dar á creança, e igualmente á mãe tambem, hontem ainda creança, vacillante, abalada pelo parto, fatigada pela amamentação, muita, muita luz, uma casa salubre e alegre que o sol namore acariciando-a com os seus primeiros raios, gyrando em volta d'olla ao meio dia, á tarde, sempre, até se despedir no occaso.

Os que vivem no alto mundo, n'uma vida artificial e perigosa, tem de deixar os esplendores dos seus aposentos pouco hygienicos. Os reis, os grandes, os ociosos escolhiam no seu Versailles a noute para glorificar as suas festas; mas o que santifica a vida pelo trabalho, o que ama e forma a sua festa da mulher e do filho, esse vive de manhã, assegurando a si mesmo a frescura das primeiras horas, onde a vida é energica e productiva, e dando á sua amorosa familia a alegria, que encanta toda a natureza na felicidade do seu acordar.

São d'um attractivo delicioso as scenas da manhã quando o bom trabalhador, levantando-se com o sol, vem entreabrir as cortinas do leito e espreitar a mulher e o filho. Ella fica toda surprehendida:—Que! pois é tão tarde? E sorrindo:—Que preguiçosa que eu sou!

—Minha querida, são apenas cinco horas, a creança tem-te acordado de noite; peço-te que durmas uma hora ainda.

Ella não se faz rogar e o somno volta.

Correm-se as cortinas, baixam-se os stores, mas o dia na sua triumphante e rapida ascensão não se deixa occultar.

Um combate trava-se então entre a luz e a sombra. Bem prejudicados seriamos se as trevas triumphassem porque perderiamos um quadro encantador!—A mãe, curvada para o filho, envolve-o em caricias de uma ternura apaixonada; o braço robusto e cauteloso do pae ampara aquelles dois entes estremecidos, contemplados agora por elle n'um arroubamento orgulhoso e feliz; um raio de sol, doce e penetrante, introduz-se pela janella e illumina-os fazendo-lhes em volta essa tocante aureola que é a benção de Deus.

Fallei já n'um dos meus livros d'uma arvore forte e robusta (um castanheiro, creio eu) que tem vivido unicamente de ar. Em vasos elegantes suspendemos ás vezes certas plantas que vegetam igualmente sem outro alimento que a atmosphera. Os nossos pobres cul-

tivadores assemelham-se muito pelo alimento. Só a pureza do ar em que vivem lhes permite tirar da má alimentação que tomam, forças para os seus trabalhos longos e rudes.

Ora muito bem, tu, leitor, que tens a felicidade de educar e nutrir a mulher, que vive para ti, e o seu filho, que é tambem teu,—pensa bem que para que ella viva, floresça e alimente com bom leite o querido *petiz* é preciso assegurar-lhe acima de tudo o alimento dos alimentos,—o ar vital. Que desgraça e que triste contradição, expôr a tua mulher, que amas tanto e que é tão pura, tão casta, expôr-a, digo, a uma perigosa atmosphera que lhe desbotasse a saude e lhe abatesse a alma! Não é impunemente, convence-te, que um ente delicado, impressionavel e penetravel recebe a pesada mistura de cem coisas viciadas que veem da rua, as exhalações das coisas immundas, a porção de fumos de emanações pestíferas e de mil outras coisas prejudiciaes que pairam sobre as nossas sombrias cidades.

E' preciso fazer um sacrificio, meu amigo, e custe o que custar põe a salvo esses dois entes estremecidos. Se podes sae da cidade.—Verás menos os teus amigos? Se forem verdadeiramente amigos irão ver-te, não tenhas receio.—Irás menos ao theatro? Não se desejam tanto os prazeres agitados e enervantes quando se tem no lar o amor e as alegrias remocantes.—Perderás menos tempo á noite passeando nos salões a palestrar? Em recompensa, no outro dia de manhã, fresco, repouzado, notarás que todo o tempo que tivesses dispendido em conversas inuteis foi utilizado em trabalhos bons, em obras solidas de resultados duradouros, que se não evaporam.

Eu quero um jardim, não confundam com um parque: um jardimzinho apenas.

O homem não crê facilmente fora das harmonias vegetaes. Todas as lendas do Oriente tem origem n'um jardim de luz. Se não podes porém abandonar a cidade aluga os andares mais elevados, porque só no quinto ou no sexto andar d'um predio se podem fazer pequeninos jardins deliciosos sobre os telhados, onde pelo menos a luz é abundante.

Desejo que tua mulher tenha, para recrear-se durante as longas horas da tua ausencia, emquanto espera e scisma, um bom horizonte, vasto e nobre por onde espriar a vista. Quero que os primeiros olhares de teu filho caiam sobre os monumentos, quando o sol os illumina, dando-lhes no decorrer das horas aspectos diversos. Quando se não tem sob a vista as altas montanhas, as grandes sombras e as bellas florestas, recebem-se dos grandes edificios, onde existe a vida nacional e a historia da patria, emoções precoces cujos traços subsistem sempre. Cedo a alma da creancinha vibra assim aos effeitos da architectura transfigurada. Tal raio, tal feixe de luz, que a tal hora inunda um templo fica-lhe impresso para sempre.

Pela minha parte, posso affirmar que na minha infancia nada me fez tanta impressão como ter visto uma vez o Pantheon entre mim e o sol. Era de manhã. O interior, revelado pelos seus vidros, irradiava como uma gloria mysteriosa.

Entre as ligeiras columnas do encantador templo jonico, tão grandiosamente elevado sobre as grandes paredes austeras e sombrias, o azul circulava banhado n'um resplendor soberbo, inexpremivel. Fiquei deslumbrado, preso, arrebatado e por maiores que tenham

depois sido os meus deslumbramentos, tudo tem passado; só aquelle resplendor me resta e me illumina ainda.

MICHELET.

O asseio é a columna fundamental da saude.

HUFELAND.

NINHO DE GELO

—Andorinha feliz que esvoaçava em demanda de florea gelozia — como um vélllo d'arminho fluctuava, anciosa e louca a minha phantasia.

Viu-te. — E captiva, a doida, que sonhava a eterna primavera da alegria, aninhou-se em teu peito, onde reinava o triste inverno da tua alma fria!

Embalde, assim, solicita buscou, veludineos conchegos, na esperanza d'um grato amor que nunca despontou...

—E ave indefensa a que uma aragem fria das azas tolhe a natural ousança — gelou-se em ti a minha phantasia!

Coimbra.

A. RODRIGUES BRAGA.

JARDINAGEM

Bugainvillea faustosa

E' um planta pertencente á familia das nyctagíneas e oriunda do Brazil. E' um magnifico arbusto sarmentoso produzindo hastos delgadas, munidas de pequenos espinhos recurvados, e côbertas, assim como os peciolos e as nervuras das folhas, de pellos arruivados. Tem as folhas ovaes, agudas, inteiras e d'um verde carregado.

Em abril ou maio veem-se-lhe desenvolver hastes, primeiramente verdes e matisadas de lilás, mais tarde cor de rosa puxando para violaceo cada vez mais vivo; uma a tres flores sustentadas por tubos delgados, e de cor amarella assafroada. Multiplica-se facilmente por estaca, e requer clima quente ou estufa temperada. Esta planta pôde guarnecer por si só, em poucos annos, uma parede de 6 a 8^m de comprimento, mas, se não se poda convenientemente, desenvolvem-se-lhe *ladões* ou *gommoleiras* que dão poucas flores.

Ha uma especie de bugainvillea, denominada *spectabilis*, Willd, *splendens* e *Brasiliensis*, Hort.; que foi introduzida nos nossos jardins ha alguns annos; tem sido considerada como nova, cultivada como de mais valia e com muitos cuidados e vendida no commercio com os nomes apenas de *splendens* e *brasiliensis*.

Distingue-se da antiga especie, cultivada a esmo de baixo do nome de *spectabilis*, pela lanugem curta e espessa que forra os seus ramusculos e as suas folhas, e por as suas bracteas terem um cor de rosa suave e carminado.

Tem a mesma cultura que a especie acima designada.

ENGEITADO!

(Conclusão)

O pequeno assustou-se. Avassalava-o todo um pavor nervoso que lhe tomou a falla e lhe fazia bater os dentes; quiz voltar para traz, mas passando-lhe na mente a corda, os pontapés do pae, os maus tratos da mãe, preferiu pois antes ser apanhado por aquellas fogueiras de lune e continuou. Demais podia bem melhor livrar-se d'ellas que das pancadas, pensava elle, —iria sempre a olhar para o ceo e quando ellas viessem, *zâs* deitava a fugir para outro lado.

N'estes calculos pueris, o Maximino já não via, nem as arvores, nem as pedras; olhos muito abertos fitos no ar, seguindo a direcção dos relampagos, pés palpando a custo as sinuosidades tortuosas do terreno e lá ia tropeçando aqui, cahindo ali, sem mesmo sentir a dôr physica, galvanizado como estava pelo terror moral.

A noite tinha já eliminado do ar a menor particula de luz e mostrava-se magestosa e soberana na sua negridão funeraria.

O Maximino ao levantar-se dos repetidos trambalhões que os troncos espalhados no caminho o obrigavam a dar, —dizia como desculpando-se:

—Se eu não enxergo mesmo nada! Ainda esbarro com a cabeça n'estas malditas, — e atirava para longe a pedra ou o obstaculo occasionador da queda. Logo em baixo um pequeno regato cortava o atalho transversalmente, uma taboa grossa atravessava por seu turno o regato e dava continuação ao caminho. Era preciso porém ver, ter cautella. De entretido que ia a olhar os relampagos, o pequeno nem se lembrou do regato e em vez de procurar a taboa foi andando descuidoso até que os pés sentiram fugir-lhe o terreno e o corpo vacillou, desequilibrou-se-lhe mergulhando na agua limosa.

Estrebuxou em baixo um bocado, suffocado, afflicto; o regato porém era pouco caudaloso, poude levantar-se n'um esforço supremo contra os bitilhões e as algas que lhe prendiam os movimentos, agarrou-se enfim a um tronco e galgou para o outro lado do pinhal.

Ficou-se um pedaço no chão semi-morto, quebrantado da violencia, aterrado da queda e do susto.

Agora a chuva cahia torrencial e de vez em quando bategas de granizo vitrificante impellidas nas lufadas de vento, vinham açoutar-lhe o rosto esqualido e transornado.

Até ali uma como galvanisação de medo, dava-lhe forças sobrenaturaes que elle friamente não podia exigir do seu corpo, porque as não obteria de certo, tão fraco, tão abatido e doente ia.

Porém aquella ultima aggressão á sua sãde prostrou-o, aniquillou-lhe de todo as forças ficticias e pol-o n'um estado marasmatico. Sentia uma flacidez geral e secceuras horriveis, como na vespera, picavam-lhe a garganta desapidadamente; uma febre hectica apoderára-se d'elle com exacerbações violentas. Não sabia o que tinha. O que desejava era poder ficar para ali sem se mexer, n'um abandono socegado; mas chuvia tanto, a noite era tão escura, os trovões tão horridos! O seu espirito intimidado, sobresaltado, inquieto, cheio d'uma preocupação fatidica, dominou novamente a materia e conseguiu dar ainda alguns passos. De repente viu serpentear ali proximo uma lingua de fogo que lambia um pinheiro alto, espalhando em volta uma fumarada de enxofre, ao mesmo tempo que no ar es-

trugiam um ribombo infernal, como de coisas que rebentavam dilaceradas.

Não teve uma idéa nitida do que aquillo fosse, mas um horror algido estonteou-o. Sentiu uma suffocação dolorosa, tremeu, varreu-se-lhe a vista, oscillou e cahiu de bruços.

Passado um bocado arrastou-se na terra e com um esforço heroico e supremo d'agonia derradeira agarrou-se á bifurcação d'um pinheiro, prendendo a custo as suas mãos convulsas, reticuladas de veias exangues; meio erguido, porém, as forças abandonaram-n'o de novo e o seu corpinho emmagrecido, exausto, tombou desamparado na lama.

Não fez mais esforços, não teve mais gestos violentos. Estampou-se-lhe no rosto a agonia livida dos moribundos; a sua alma d'anjo immaculado sorria já aos cherubins roseos que das regiões celestias o chamavam, mas um vislumbre de vida palpitava-lhe ainda nos labios que mormuravam n'um ultimo despedimento saudoso:

— Girante... se o Girante aqui estivesse!

E sentindo uma como estrangulação da vida, disse mais baixo ainda:

— Eu morro! pae do céu, olha que morro. Girante... Girante... — Um estremeccimento de estretor cortou a phrase e a existencia do pequenino ente desgraçado, que na sua orphandade desolada sentia a precisão d'um ente amigo para suavisar-lhe aquelle momento de extrema agonia. Os mais tecm n'aquelles instantes angustiados, mães e irmãs extremosas a acompanhá-os, elle nem mesmo tinha o seu unico amigo por quem chamava, — um cão.

Foi até ao fim o pária abandonado, a quem nunca se dera o balsamo dulcificante d'um affecto humano. — Era engeitado!

ELIZA CAODER.

São as mesquinhas minudencias da vida que fazem o nosso infortunio. Os cuidados miseraveis desgostam a alma e o corpo. Entreguemo-nos portanto á cultura da parte divina do nosso ser: a faculdade da admiração.

BULWER.

O casamento na Coréa

O *Echo do Japão* dá a seguinte curiosa noticia acerca da celebração do casamento na Coréa, reino independente na Asia, situado entre o mar do Japão e a China da qual está apenas separado pelo mar Amarello.

Na manhã do dia fixado para o casamento sae a noiva da sua habitação e dirige-se para casa do seu futuro marido. Envolvida n'uma especie de tunica branca, em que se abrem tres buracos, dois á altura dos olhos e um á altura da bocca para que possa ver e respirar, entra a noiva n'um *kango* que é uma sorte de cadeirinha completamente fechada por estofos de côres variadas, mas onde predomina ordinariamente a côr verde. Donzellas vestidas de branco, precedendo o seguindo o palaquim, executam danças diversas até á porta da casa do noivo e ahí, dispostas em circulo, dançam ainda por algum tempo, distribuindo-se em seguida os *soaski* ou pasteis de arroz, que se distinguem pelo seu gosto acido e picante.

A noiva senta-se n'uma esteira defronte do seu futuro esposo, e a familia entôa uma cantilena monotona e discordante, que fere desagradavelmente os ouvidos europeus. Terminada essa extraordinaria melopéa, prescripta pelo ritual coreano, uma mulher aproxima-se da desposada e enche de *saké* a taça que tem na mão. Ella bebe uma parte e dá o resto ao marido que esvazia o copo até á ultima gota. Fica então concluida a cerimonia do casamento, e retiram-se todas as pessoas convidadas para as bodas.

Ao fim de tres dias volta a recém-casada para casa dos paes, onde permanece cem dias, e terminado este periodo vae então diffinitivamente para a companhia do marido.

A MULHER

Tendo Deus formado as rosas,
Entendeu que era mister
Criar obra inda mais bella,
E fez da rosa a mulher.

F. GOMES D'AMORIM.

ALBUM ENIGMATICO

CHARADA EM QUADRO

Premio: — «PÈRES ET ENFANTS», de Legouvé

PARA OS ASSIGNANTES DE LISBOA

Sirvo na meza,
sou um trabalho
mas tão maldito,
que a morte espalho.

ETERNO ASSIGNANTE.

CHARADA NOVISSIMA

Premio: — Um «Almanach das Senhoras», para 1884

PARA OS ASSIGNANTES DA PROVINCIA

Arbusto no campo é planta. — 2-2.

MENDES JUNIOR.

Explicação das composições do album enigmatico do numero precedente: — *Peutecôte*. — *Paz mais a doçura que a violencia*.

Coube o premio na provincia ao ex.^{mo} sr. Joaquim F. de Castro, e em Lisboa á ex.^{ma} sr.^a D. Carolina de Figueiredo.

Vieram em segundo logar decifrações das ex.^{mas} sr.^{as} D. Francisca do C. Gomes, D. Emilia Braga, D. Laura de Castro, e dos ex.^{mos} srs. Bernardo F. da Costa, Justino Monteiro e Domingos Alves de P.